

A CULTURA POPULAR COMO SUBSÍDIO PARA O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

CINDY CARDOSO DE SIQUEIRA

EMEF PROF ANÉZIO CABRAL

Este trabalho, em andamento em uma escola pública municipal situada num bairro periférico do município de Osasco (SP), objetiva analisar o processo de elaboração e desenvolvimento de um currículo multicultural na disciplina de Educação Física a partir do patrimônio da cultura corporal popular. A primeira etapa na elaboração do projeto da disciplina consistiu na realização de uma pesquisa de campo pela professora responsável. Caminhando pelo entorno da escola e pelos bairros vizinhos, a professora procurou mapear a cultura corporal da comunidade. Esse procedimento permitiu identificar as práticas corporais que os alunos tinham acesso. (falar sobre os projetos da rede: escola cidadã, sementes da primavera.). Para esse levantamento, foram utilizadas as seguintes questões e intervenções com os alunos: Quais as práticas relativas à cultura corporal existem no bairro (da escola e nos bairros dos alunos)? Como e onde são realizadas? Quem participa dessas práticas? Como e em quais espaços? Foram realizadas conversas em sala de aula para descobrir quais atividades eram realizadas pelas crianças quando não estavam na escola: em casa, na rua, nos espaços públicos, nos finais de semana etc. As atividades de ensino foram desenvolvidas a partir desses dados tomando como referência a pedagogia da cultura corporal proposta por Neira e Nunes (2006), na qual, tanto as produções infantis durante as aulas ou em casa, quanto as anotações em diário de campo pela professora, subsidiaram não somente a documentação do trabalho, como também, fomentaram análises acerca do ocorrido no cotidiano e possibilitaram a reconstrução da prática pedagógica.

Palavras-chave: currículo, cultura corporal popular e prática pedagógica

Descrição

A primeira etapa na elaboração do projeto consistiu na realização de uma pesquisa de campo pela professora responsável. Caminhando pelo entorno da escola, a educadora procurou mapear a cultura corporal da comunidade. Esse procedimento permitiu identificar as práticas corporais que os alunos tinham acesso. Para esse levantamento, foram utilizadas as seguintes questões: Quais as práticas relativas à cultura corporal existem no bairro? Como e onde são realizadas? Quem participa dessas práticas? Como e em quais espaços? Também foram realizadas conversas em sala de aula para descobrir quais atividades eram realizadas pelas crianças quando não estavam na escola: em casa, na rua, nos espaços públicos, nos finais de semana etc. Assim, foram detectadas as seguintes práticas corporais: pular corda, ciranda-cirandinha, cabo-

de-guerra, pega-pega no alto, pega-pega fruta, alerta, cambalhota, pipa, futebol, cobra cega, corrida, esconde-esconde, duro ou mole, gato mia, dança das cadeiras, pião, batata-quente, malha, pique-esconde, pega-pega congela, esconde bolinha, pega-pega beija-flor, estátua, peteca, bocha, queimada, atirei o pau no gato, o urso dorminhoco, Sonic, As três patricinhas, lencinho atrás, pega-pega na linha.

Essas manifestações foram agrupadas conforme critérios estabelecidos pelo grupo em determinadas temáticas (jogos de meninas ou meninos, com ou sem materiais, com ou sem música, realizados em ambiente fechado ou aberto etc.) e, a seguir, foi estabelecida uma organização para a problematização de cada tema. O início do trabalho com um tema, implicava na sua análise pelo grupo, visando o surgimento de sugestões para formas de vivência, pesquisa, fontes de ampliação de conhecimentos, visitas ou passeios que poderiam ser realizados e/ou pessoas que poderiam ser convidadas para compartilhar seus saberes e estratégias.

A seguir, as ações educativas focalizaram múltiplos olhares sobre as manifestações corporais que compunham cada tema. Por meio do diálogo com os saberes práticos dos alunos demonstrados nas vivências das brincadeiras, cantigas, rodas etc., foram propostas atividades que visaram a leitura e interpretação dos signos envolvidos nessas práticas corporais (o que representavam, o que comunicavam, o que os alunos sentiam quando as contemplavam ou o que sentiam quando as vivenciavam), pesquisas por meio de entrevistas e leituras para desvelar as origens e chegada da prática corporal à comunidade, reconstrução das práticas vivenciadas a partir das características da turma e, por último, a elaboração de registros para documentação do processo.

Essa problematização das práticas corporais da cultura popular desvelou a adequação de uma metodologia de ensino aberta a múltiplas conexões, impedindo qualquer alusão à linearidade ou estabelecimento de uma lógica na disposição dos conteúdos. Os alunos e alunas possuidores do patrimônio que seria focado naquele momento eram convidados a apresentá-lo aos colegas para que fosse discutido. Após uma primeira vivência, a prática corporal em questão era submetida à resignificação, ou seja, após a análise crítica e interpretativa, eram experimentadas novas possibilidades a partir das sugestões dos alunos e alunas visando contemplar a participação equitativa e considerar as características do grupo.

Como se notou, o diálogo, constituiu-se no principal instrumento utilizado pelos educadores na sua ação didática. Além de estratégia fundamental para levantamento de informações dos alunos e reencaminhamento constante da prática pedagógica, o diálogo potencializou a crítica e as manifestações sobre o que acontecia nas aulas, na escola e na sociedade.

A leitura crítica constituiu-se em um aspecto fundamental tanto para a emancipação dos alunos da experiência concreta e imediata quanto como estímulo à construção de uma postura reflexiva desencadeada pelo reconhecimento da própria identidade. O projeto desenvolvido, ao valorizar o patrimônio cultural, possibilitou a compreensão das características principais das manifestações corporais estudadas e do próprio grupo cultural. Expressões como: “é fácil”, “é legal”, “não gostei” etc. foram, gradativamente, substituídas por “não gostei, mas tenho uma outra idéia”, “acho que a gente pode mudar”, “pensava que era só para os meninos”, “todos temos direito” etc., o que indica a superação de uma postura passiva perante as experiências.

Verificamos que a insistência no diálogo e no convite à leitura e posicionamento dos alunos facilitou o ato pedagógico no decorrer do projeto. Inicialmente inibidas e confusas, à medida que o tempo foi passando, os alunos perceberam que suas idéias e posições eram respeitadas, assim, a partir do mês de junho, quando a professora se sentava para conversar sobre determinada prática corporal, prontamente salpicavam sugestões e encaminhamentos. Quando encontravam, após as vivências, um ponto de equilíbrio onde todos participavam com suas características respeitadas, o formato final da brincadeira, dança ou atividade expressiva, era registrado nos cadernos, que, ao final do ano, compuseram o “livrinho dos jogos do bairro”. Sempre que havia mais de um encaminhamento possível, todos eram experimentados numa ordem estabelecida após a eleição. O formato final da manifestação, caso não agradasse a alguém, poderia ser registrado como um dos formatos experimentados de sua preferência, acompanhado de uma justificativa oral ou escrita.

As atividades de aprofundamento, precedidas por um roteiro elaborado coletivamente, recorreram a diversas fontes (internet, revistas, livros, relatos pessoais por meio de entrevistas etc.).

Sempre que o tema contemplava aquelas práticas corporais da comunidade, mas pouco acessíveis aos alunos, a pesquisa, precedia a vivência. Um exemplo típico foi o

“jogo de malha”, que apesar de presente no bairro, sua prática na escola, inicialmente, foi dificultada devido ao desconhecimento das regras por parte dos alunos e professores, o que transformava o jogo em uma espécie de tiro-ao-alvo com pouco sentido. Com queixas freqüentes e desinteresse crescente, surgiu a idéia de realizar entrevistas com alguém que sabia jogar. Como um dos alunos afirmou que seu avô “já tinha sido até campeão”, foi agendado um encontro na praça próxima à escola, onde, na “cancha” de malha, o “avô” ensinou as regras, técnicas e táticas aos alunos. Após a explicação do jogo, os alunos passaram à prática ali mesmo, à leitura dos seus signos, à ressignificação e registro.

Entusiasmados com as descobertas das novas fontes, os alunos e alunas propuseram a realização de entrevistas com outros adultos sobre sua infância e suas brincadeiras. Para tanto, foi elaborado um roteiro com a pretensão de orientar o levantamento de informações e algumas explicações a respeito do funcionamento das práticas da cultura corporal dos familiares.

Com as respostas em mãos, foi elaborado um novo plano de trabalho, pois, algumas práticas vividas pelos adultos coincidiam com as já constantes na lista do grupo e, portanto, por eles conhecidas e experimentadas. Entretanto, quando alguma prática, segundo a entrevista realizada, apresentava diferenças, era experimentada com aquela nova contribuição.

Esse fato marcou a população do bairro de forma especial. Ao serem valorizadas as brincadeiras e cantigas que tinham ensinado às crianças e que diziam respeito à própria infância, muitos se emocionaram. Naquela tarde, sua cultura e sua identidade puderam manifestar-se nas brincadeiras, nas cantigas, na pintura, superando a sensação de estranhamento e vergonha que normalmente assolam os representantes da cultura corporal quando adentram à escola, local que tradicionalmente tem sido ocupado de forma exclusiva pela cultura corporal dominante.